

CONCEPÇÕES DA CRIANÇA ACERCA DA LINGUAGEM E ESCRITA E SEUS USOS SOCIAIS

GT 11 - Experiências e desafios nas práticas da alfabetização e letramento
Pollyanna Cristina Costa Nascimento (Graduanda de Pedagogia/UFPI/Parnaíba)
Aline Almeida de Araújo (Graduanda de Pedagogia/UFPI/Parnaíba)
Profª. Dra. Luciana Matias Cavalcante (Curso de Pedagogia/UFPI/Parnaíba)

Resumo

A proposta de Alfabetização e Letramento fica registrada como algo ligado fundamentalmente a cada um de nós, com a certeza de que é através do desenvolvimento oral e escrito que desenvolvemos a linguagem e a possibilidade de comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, e consecutivamente estabelecendo relações interpessoais. A linguagem tende a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto a construção do discurso oral como ao discurso escrito. Dessa forma, esse artigo tem como objetivo estudar as concepções da criança pequena acerca da linguagem escrita e seus usos sociais. A metodologia utilizada nesse estudo refere-se ao Estudo de caso do tipo etnográfico. Os resultados apresentados nesse artigo são apenas preliminares já que a pesquisa ainda está em andamento. Os sujeitos, participantes do estudo, convivem com a escrita independente da escola, desenvolvem a oralidade nas relações interpessoais, principalmente na família e são mediados pelo trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Linguagem. Escrita. Criança.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido a partir dos resultados de uma pesquisa que visa estudar como a criança compreende a linguagem escrita, mediada pela escola, e faz uso no seu meio social. A criança desde muito pequena está em contato com o mundo letrado, mesmo não sabendo usar e compreender os símbolos alfabéticos elas conseguem reconhecer seu som quando esse é apresentado nas músicas e atividades, mas ainda não faz parte do contexto educativo alcançar sua compreensão sobre a escrita de modo contundente. Essa pesquisa está sendo realizada em uma escola da rede municipal da cidade Parnaíba –PI, com cerca de vinte crianças do Infantil IV, e posteriormente com o Infantil V, já que o estudo ainda está em andamento.

Ao longo dos anos, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente ao que a sociedade almeja. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação contínua e plena com os

diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Infelizmente, a situação nas últimas décadas, com relação aos índices de analfabetismo, é muito alarmante, pois muito se discute, mas, na prática, muito pouco é feito. Nas sociedades letradas, destacamos os aspectos sociais, geográficos e culturais, sentiu-se a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais do ler e escrever resultantes da aprendizagem informal e formal. A discussão do letramento surge então enraizada ao conceito de alfabetização. Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, pois a alfabetização é condição para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento, sendo processos simultâneos.

Falar em alfabetização e letramento dentro da educação e fora dela é um assunto que não se esgotará facilmente, pois a sociedade vem impondo novos padrões de exigência, pois mesmo diante dos novos paradigmas, originados das descobertas da Teoria da Psicogênese da Escrita precisamos nos adaptar ao novo. Entendemos com essas reflexões em torno letramento, que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Um indivíduo alfabetizado e letrado, além de saber ler e escrever, responde adequadamente as demandas sociais da leitura e da escrita. Percebemos que aprender a ler e a escrever é apropriar –se do código linguístico- gráfico e tornar-se de fato, um usuário dos mais diversos gêneros textuais.

Por isso o ensino da leitura e da escrita deve ser entendido como prática social, pois remete às ações do sujeito no mundo para transformá-lo e afirmar a sua liberdade. Ler é, portanto, uma habilidade técnica, mas também interpretações do texto e do contexto. É preciso que a ação pedagógica possibilite ao educando momentos de leitura com prazer, e interesse, e criticidade e que o mesmo adquira o gosto pela leitura que deve perdurar por toda a sua vida. Portanto, compreendemos a leitura não só como de utilização dos mecanismos próprios da linguagem escrita e oral, mas aprender a ler e a escrever faz parte de um longo processo ligado à participação em práticas sociais de leitura e escrita.

1 A CONSTRUÇÃO DA IMAGINAÇÃO E DO PENSAMENTO NA PEQUENA INFÂNCIA

Antes de refletir sobre o desenvolvimento da linguagem escrita na criança precisamos entender como se desenvolve a imaginação e o pensamento dos pequenos. O

homem só pode criar ou recriar algo a partir do momento que observou ou vivenciou um seu cotidiano experiencial que o estimularam em sua criatividade. A imaginação diante disso, acontece como alicerces. Nas crianças a imaginação está em processo de desenvolvimento por causa da sua pouca experiência, pois só com a idade adulta acontecerá o seu amadurecimento. O pensamento da criança começa a ser estudado nas pesquisas de Piaget que se aprofundou no universo desses pequenos.

A psicologia define que a imaginação ou fantasia está vinculada a atividade criativa que se estabelece por meio de ligações realizadas em nosso cérebro. Na vida real ela caracteriza-se por tudo aquilo que não diz respeito à realidade e, por isso, ocupa lugar destaque nas relações sociais. Porém, a imaginação pode ser entendida como base criadora de tudo que é feito pelas mãos do homem, seja no universo científico, cultural e técnico. Mesmo que essas invenções tenham sido pequenas ou grandes elas passaram pela construção da mente que está relacionada à imaginação (VIGOTSKI, 2009).

A imaginação para as crianças tem um significado ainda maior, pois é por meio desse atributo que amadurece nos aspectos cognitivos, morais e emocionais. Essa questão pode ser observada na pequena infância que começa aos três anos de idade, quando ela brinca com um cabo da vassoura e imagina que seja um cavalo cavalgando ou quando brinca de soldado e marinheiro. Todas essas brincadeiras representam a verdadeira criação, pois é a partir dos referenciais do mundo adulto que estabelece o contexto para sua imaginação. É a partir dessas recordações que elas conseguem a base de criação para suas brincadeiras (Id.,Ibid.).

É por intermédio da imaginação que a criança vai dando sentido ao mundo a sua volta e através dela que constrói situações ocorridas no seu cotidiano, pois quando ela brinca imagina um mundo só seu onde ela pode ser a mãe, pai, rei e rainha o ser soberano dono de suas ações. Além dessa capacidade de fantasiar a criança é indivíduo pensante que tem suas próprias ideias. Tendo essa concepção em vista, Piaget desenvolveu um estudo sobre a construção da linguagem e pensamento da criança.

Muitos estudiosos antes de Piaget acreditavam que a criança tinha seus próprios pensamento e singularidade, isso poder ser notado nos estudos de Rousseau quando diz que a criança não é uma miniatura do adulto e que sua inteligência ainda em construção, nada difere-se da capacidade criativa do adulto. Todavia, apesar de Rousseau e outros teóricos ter comentado sobre essa questão, é somente a partir de Piaget em suas pesquisas, que encontramos análises do pensamento da criança.

As pesquisas de Piaget iam de encontro às ideias da psicologia dominante da época, pois caracterizavam o pensamento infantil apenas do lado negativo enumerando suas deficiências e lacunas, enquanto que Piaget procurou mostrar a originalidade desse pensamento, descrevendo seus aspectos positivos. Antes a criança era analisada por aquilo que tinha em comparação ao adulto, isso acontecia pelo fato da criança não conseguir produzir pensamentos abstratos, e de elaborar conceitos, fazer ligações entre os juízos e tirar conclusões (VIGOSTY, 2001).

A principal base da teoria de Piaget está no egocentrismo do pensamento infantil. E esse está relacionado ainda com sua linguagem egocêntrica, que em muitas vezes não serve para a comunicação e sim como copias das suas vivências sociais. O autor Vigotski diz que:

[...] Se a linguagem egocêntrica é uma expressão do pensamento infantil em forma de devaneio, não serve para nada, não compre nenhuma função no comportamento da criança, é produto secundário da atividade infantil, acompanha a atividade da criança e as vivências como um acompanhamento musical, então é natural reconhecer nela um sintoma de fraqueza, de imaturidade do pensamento infantil, sendo de se esperar naturalmente que esse sintoma venha a desaparecer no processo do desenvolvimento da criança (2000, p. 51).

Podemos perceber então que a criança na fase egocêntrica não consegue formular pensamentos sem a ajuda do mundo exterior, acabando por imitar as ações dos adultos bem como sua fala, não conseguindo reproduzir um pensamento lógico que possa ser visto na sua linguagem já que ela nada mais é do que a expressão das suas ideias. Desse modo, o pensamento do pequeno é visto ainda como frágil, mas será construído ao longo da sua vida, seguindo seu desenvolvimento.

3 OS PRIMEIROS PASSOS DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E ESCRITA

As crianças estão inseridas no mundo das letras, pois elas se fazem presente, seja em uma frase de uma propaganda da televisão, placas nas ruas, nas revistas, livros e outros materiais ao seu alcance. O contato então dos pequenos ao universo das letras começa muito antes deles adentrarem a escola. Então, aqui discorreremos acerca dos primeiros entendimentos das crianças sobre as letras, construção da linguagem escrita na infância.

Antes das crianças começarem a compreender as letras precisam internalizar nas mente os objetos a sua volta, Vygostky vai chamar esse mecanismo de Processo de

internalização que se caracteriza pela que se tem ideia do objeto mesmo ele não estando na sua frente, pois consegue compreendê-lo. Somente depois que a criança consegue internalizar conseguirá entender o sistema de escrita, assim como os demais sistemas simbólicos (MACIEL, 2009).

A criança com menos de seis anos tem capacidades de descobrir a função simbólica da escrita e ao seis anos elas consegue ter o domínio de combinações arbitrárias de sinais e significados realizando assim operações mais complexas. Para Vygostky o ensino de leitura e escrita é essencial para as crianças com menos de sete anos de idade, mas se contrapõe a habilidade motora e mecânica sem significado. Ele diz ainda que “[...] as crianças não aprendem a ler e escrever, mas sim descobrem essas habilidades durante as situações de brincadeiras nas quais sentem a necessidade de ler e escrever” (2009, p. 29). Assim, por meio de atividades prazerosas as crianças por si próprias começam a interessar-se pelas letras (Id.,Ibid.).

Os estudos de Emilia Ferreiro e Teberosky, psicolinguistas argentinas, começaram no ano de 1974. Partiram do entendimento de que a aquisição do conhecimento se fundamenta nas atividades do indivíduo em constante contato com os objetos, evidenciando assim que a criança antes mesmo de ir à escola tem noção e elaboram hipóteses sobre o código escrito, iniciando deste modo os estágios linguísticos que evoluem a partir da mediação até chegar à aquisição da leitura e da escrita (MENDOÇA, 2008).

No primeiro nível, o pré-silábico, a criança começa a entender que além das gravuras existem outros modos de representar os desenhos como a escrita e os números a partir disso começa a grafá-los a seu modo. Nas primeiras tentativas da produção escrita a criança ainda representa o objeto através do desenho. Mendonça relata:

há um avanço, quando se percebe que a palavra escrita representa não uma coisa diretamente, mas o nome da coisa. Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aprendiz percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos (2008. p. 45).

No nível silábico a criança já consegue representar o objeto através da escrita, pois compreende que os sons da fala representam à escrita. “A partir daí, formula a hipótese de que cada letra vale por uma sílaba. Uma criança chamada Bernardo escreve, por exemplo, OEEA para representar a palavra Borboleta porque essas letras aparecem no seu nome” (SOARES, 2010. p. 27).

O terceiro nível é o silábico-alfabético e nesta fase a criança descobre que sílaba não é a menor unidade da palavra. No quarto e último nível, o alfabético a criança já

representa cada fonema com o signo gráfico apropriado, necessitando ainda ampliar a compreensão sobre as regras ortográficas escrita.

A compreensão da escrita acontece, muitas vezes, por meio do brincar com as palavras, quando se reflete mentalmente sobre as partes das palavras. Nesse processo, a criança começa a perceber que dentro da palavra “gelatina” dá para recortar o “tina” do final representa outra palavra. Essa capacidade de refletir sobre a língua é chamada de metalinguística. Essas e outras habilidades metafonológicas são, na literatura especializada, denominadas, “consciência fonológica”. Morais define consciência fonológica como “é na realidade, um grande conjunto ou uma ‘grande constelação’ de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras” (2012, p. 84). Ou seja, quando começamos a refletir sobre os sons das palavras teremos um vasto entendimento sobre elas, desenvolvendo nossa compreensão lingüística e avançado em nossas hipóteses.

4 RELATOS E EXPERIÊNCIAS ACERCA DA LINGUAGEM ESCRITA E SEU USO SOCIAL

A pesquisa que estamos realizando e que instigou a escrita desse artigo foi desenvolvida numa escola de Parnaíba/PI e têm como objetivo entender como as crianças compreendem a linguagem escrita e seu uso social. Os resultados apresentados nesse artigo ainda são preliminares já que a pesquisa ainda está em andamento. Contamos no processo metodológico com os princípios da pesquisa qualitativa do Estudo de caso do tipo etnográfico. Essa metodologia permite que o pesquisador tenha envolvimento direto com “objeto” de estudo, participando e dialogando com os sujeitos envolvidos no estudo, descrevendo-os, analisando os significados que atribuem ao contexto.

Na pesquisa qualitativa existem várias formas de pesquisa que estão ligadas a sua abordagem, mas a pesquisa que está sendo utilizada no projeto é a pesquisa do tipo etnográfica. Precisamos explicar que a pesquisa “do tipo” etnográfica é uma adaptação da etnografia que é usada pelos antropólogos nos seus estudos da cultura e a sociedade. Os antropólogos, ao realizarem suas pesquisas, permaneciam um longo período no campo de investigação, por outro lado quando o pesquisador da educação recorre a essa metodologia para fundamentar seus estudos pode variar muito, quanto ao tempo, entre algumas semanas até meses, diferenciando-se assim dos antropólogos. Por isso, no campo da educação, fazemos um estudo do tipo etnográfico, tentando retrata a cultura escolar. (ANDRÉ, 1995)

No estudo que buscamos realizar utilizamos técnicas da etnografia, como a observação participante e entrevista semiestruturada. A flexibilidade da etnografia e a reflexão que promove no decorrer da pesquisa leva o pesquisador a avaliar suas técnicas de coleta de dados, rever categorias teóricas e até mesmo redefinir o foco de estudo. Os dados já coletados em nosso estudo foram obtidas nas sessões de observação e da aplicação de um “teste” alfabético com as crianças, a fim de identificar suas hipóteses sobre a escrita.

Nas primeiras observações feitas na sala de aula do infantil IV percebemos que as crianças o espaço da sala de aula está repletos de materiais escritos, letras, números, dentre outros. Isso acontece desde a decoração aos materiais que são usados pelos pequenos. Um momento muito especial observado foi quando a professora distribuiu livros para cada um dos alunos, algumas crianças foram vendo o livro com muita curiosidade, primeiro passando as folhas e olhando as figuras e depois tentando contar a história. Em uma mesa com algumas crianças uma menina lia a história em voz alta e mostrava as figuras para as amigas mesmo não sabendo ler as palavras. A Teberosky comenta assim sobre isso:

[...] O livro, desde muito cedo, é algo que serve “para olhar” e para muitos, mas especificamente, “para ler”. Existem índices condutuais imitativos de “atos de leituras”, tais como a forma de pegar o livro, postura corporal, direção do olhar, gestos de folhear- acompanhados ou não de formulações verbais – que mostram certa compreensão da natureza da conduta imitadas (1990, p. 70).

Podemos dizer, então, que o fato das crianças começarem desde muito pequenas a querer interpretar as imagens contidas nos livros e as letras nele impressas fazem com elas venham a ter o desejo de compreender esse universo até então desconhecido para elas. A menina ao ler o livro para as amigas imitou os gestos que a professora faz quando conta histórias, tendo assim entendimento que para se contar uma história é preciso interpretar as imagens contidas no livro e descobrir o enredo presente no texto.

Além das observações feita na sala de aula aplicamos um “teste” com as crianças para conhecer os estágios em que encontravam. A estrutura do teste era composta por duas páginas, na primeira apresentamos uma imagem com algumas crianças brincando no parque, as brincadeiras eram diversas. Entre elas tinha uma menina pulando corda, um garoto fazendo malabarismo, um menino jogando futebol com uma menina e outras brincadeiras. Na segunda página apresentamos algumas figuras: caju, pato, pirulito e boi. Nessa segunda atividade as crianças teriam que escrever ao lado da figura o nome da imagem que estavam vendo.

Na primeira parte queríamos trabalhar a oralidade da criança e sua interpretação por isso os alunos nesse primeiro momento relatariam o que estavam vendo. As crianças, ao

serem perguntadas sobre o que estavam vendo na figura, diziam que eram crianças brincando na rua com outras crianças, já outras diziam que as crianças estavam brincando no parque, mas todas elas interpretavam corretamente o contexto proposto pela imagem.

Na segunda página, para estimular a escrita, apresentamos algumas figuras: caju, pato, pirulito e boi. Nessa segunda atividade as crianças teriam que escrever ao lado da figura o nome da imagem que estavam vendo. Nessa atividade, houve grau maior de dificuldade, mas no geral, todas responderam ao que foi solicitado, algumas com mais facilidade mesmo não sabendo se o que estavam fazendo era correto, outras com um pouco receio em desenvolver a escrita.

Algumas crianças ao invés de grafarem o nome da figura desenhavam as gravuras novamente. Outras repetiam algumas vogais que não iam de acordo com o som das palavras, ou escreviam símbolos impossíveis de ser compreendido. Na linha que era solicitado escrever o seu nome, algumas crianças conseguiam realizar a escrita mecânica outras não. Um menino ao ver a imagem dizia que o Boi era muito grande, portanto o nome dele tinha que ser enorme e por isso encheu de bolinhas a linha do Boi. Apesar de se mostrarem tímidas de início todas elas, mesmo desenhando ou reproduzindo letras para representar as figuras conseguiram fazer a segunda parte.

Podemos dizer que as crianças ainda estão na fase pré-silábica onde ainda estão descobrindo a escrita, não tendo muito consciência que a fala pode ser representado por letras e que as letras representam sons. E algumas delas acreditam que seus desenhos podem representar a escrita de palavras. Soares comenta sobre esses aspectos: “Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aprendiz percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos” (2010. p. 45).

No primeiro nível, o pré-silábico, a criança começa a perceber que além das gravuras existem outras maneiras de representar a escrita e os números, a partir disso tenta marcá-los. Nas primeiras experiências da produção escrita a criança ainda representa o objeto através do desenho. Outra característica dessa fase é a representação da escrita associada ao “objeto”, como no exemplo da criança que escreveu a palavra BOI com uma enorme quantidade de bolinhas, pois o que importava na escrita era a “coisa” em si e suas característica. Essa fase denomina-se Realismo Nominal. (SOARES, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi abordado podemos perceber que a linguagem escrita está diretamente ligada ao seu uso social, pois se faz presente no dia a dia da criança. E é por esse

motivo que a criança pequena pode e deve ser estimulada na compreensão do Sistema de Escrita Alfabética desde a Educação Infantil, seja a partir do convívio com o texto escrito, contação de histórias, seja a partir da construção da consciência fonológica.

Apesar da criança, ter suas especificidades isso não quer dizer que elas tenham que ser isoladas do mundo da escrita ou de outros aspectos do mundo adulto. Já que nos seres humanos, nas interações sociais, nas relações com o meio, com a cultura, pois permite atribuir sentidos as práticas e convicções que elaboram, é importante reconhecer a infância como uma construção social, enxergando a criança como autor que tem direito de interagir com as letras, construindo-se (MACIEL, 2009).

Assim, podemos dizer que a linguagem escrita deve fazer parte da educação da criança pequena, e que deve ser trabalhado como estratégia construtiva de aprendizagem, respeitando as características das crianças e seu desenvolvimento. A proposta pedagógica da Educação Infantil deve contemplar o trabalho com a linguagem escrita, sem descaracterizar a infância, evitando alfabetizar por um princípio mecânico e descontextualizado, mas trabalhar a consciência fonológica através da ludicidade e do letramento.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSCKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; et al. **A criança de 6 anos, a linguagem e escrita e o ensino fundamental de nove anos**: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Belo Horizonte: UFMG/CEALE, 2009.

MENDOÇA, Onaide Schwartz. **Alfabetização método sociolinguístico**: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização lingüística**: da teoria à prática. Belo Horizonte: Dimensão, 2010

VIGOSTKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Matins Fontes, 2000.

_____, Lev Semenovich. **Imaginação e criança na infância: ensaio psicológico**: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.